

Agenda do palácio foi mais generosa com o 1º escalão

Luiz Antonio — 10/1/95

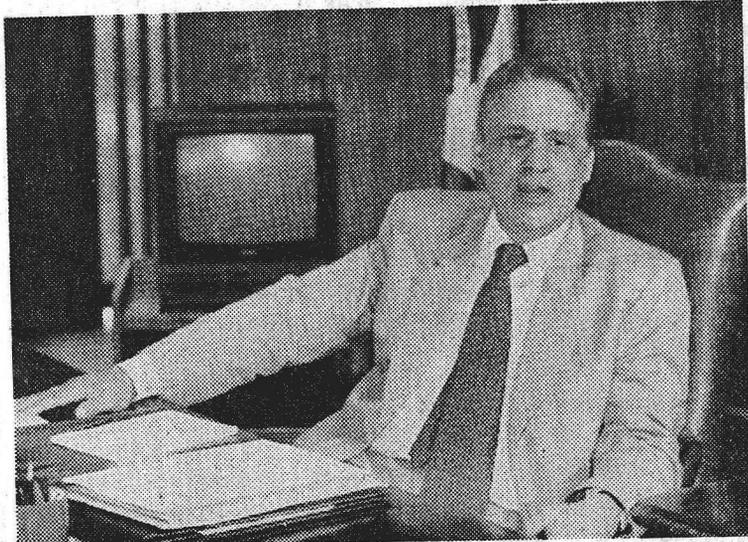
RICARDO MIRANDA E
LEANDRO FORTES

BRASÍLIA — A atividade oficial do presidente Fernando Henrique Cardoso pode ser resumida em mais de 150 horas de trabalho e 90 compromissos agendados, em 28 dias de governo. Em média, sete a oito horas de expediente por dia. O traço mais marcante desse entra-e-sai protocolar da vida de Cardoso é a sua vocação para anfitrião de ministros: eles se revezaram 27 vezes no gabinete presidencial, sem contar os despachos internos com o ministro Clóvis Carvalho, da Casa Civil, que acontecem diariamente.

Os campeões de audiências com o presidente foram os ministros Edson Arantes do Nascimento, o Pelé, dos Esportes, Pedro Malan, da Fazenda, e Luiz Felipe Lampreia, das Relações Exteriores. A essa maratona de encontros se juntou uma reunião ministerial que durou 15 horas, no primeiro fim de semana do novo governo, e outras duas reuniões extraordinárias com parte do ministério, realizadas no dia 5, para fechar os cortes no orçamento, e no dia 10, para tratar de reajustes de servidores públicos.

Fernando Henrique deixou que sua agenda indicasse a todos quais são suas prioridades e, é claro, seus preferidos. De todas as posses de auxiliares, somente três mereceram a sua presença: a de Pelé, dia 3, a do advogado-geral da União, Geraldo Magela Quintão, dia 10, e, no dia 18, a de Ana Maria Peliano, na secretaria-executiva do Programa Comunidade Solidária — a *menina dos olhos* dos programas da área social do governo.

Os políticos em geral não encontraram, até agora, um ambiente aconchegante no Palácio do Planalto: apenas seis, não-participantes do Conselho Polí-



Cardoso: governadores também conquistaram espaço generoso

tico que se reúne às segundas, foram recebidos no gabinete presidencial, entre eles quatro senadores — Eva Blay (PSDB-SP), Pedro Simon (PMDB-RS), Mauro Benevides (PMDB-CE) e o eleito Iris Resende (PMDB-GO) — e um único deputado, Franco Montoro (PSDB-SP), além do prefeito de Recife, Jarbas Vasconcelos.

Com os governadores, o presidente foi mais generoso. Ele recebeu 15: Rio de Janeiro, Alagoas, Pernambuco, Pará, Mato Grosso, Minas Gerais, Sergipe, Rio Grande do Sul, Espírito Santo, Goiás, Tocantins, Mato Grosso do Sul, Rio Grande do Norte, Ceará e Piauí, além do governador de São Paulo, Mário Covas, a quem visitou pessoalmente no estado.

Alijada dos encontros particulares, a classe política esteve mais próxima do presidente com as reuniões do Conselho Político (dias 3, 9 e 23) e os encontros e coquetéis com as bancadas dos partidos que o apóiam no Congresso Nacional. No dia 10, atendendo a pedidos do PSDB, o presidente tomou um café com os tucanos Pimenta da Veiga, Tasso Jereissati e Artur da Távola. No dia seguinte, almoçou

com a bancada do PSDB no Senado. Na quinta-feira passada, teve com a bancada do PMDB no Congresso a primeira de muitas reuniões com os partidos, cujo objetivo fundamental é o de negociar os termos da reforma constitucional. Na sexta-feira, foi a vez da bancada do PSDB. No dia 31, será a vez do conjunto PP-PTB-PL e, depois, do PFL.

Fernando Henrique passou, também, a usar o horário entre 12h e 15h para receber representantes da sociedade civil. Estreou com ninguém menos que o arquiteto que projetou Brasília, Oscar Niemeyer, com quem almoçou na quinta-feira no Palácio da Alvorada. Na agenda do presidente sempre estão referidos despachos internos ao longo do dia, a partir do momento em que o presidente chega ao Planalto, por volta das 10h.

A agenda internacional do presidente, em compensação, foi excepcional neste primeiro mês de governo: Fernando Henrique recebeu nove chefes de Estado, ainda no primeiro dia no cargo, e desde então já recebeu outras dez autoridades estrangeiras, entre elas o presidente do BID, Enrique Iglesias.